

O USO DE GÊNESIS 3 PARA RATIFICAR GRANDEZAS ESPECÍFICAS CONSIDERANDO O TEXTO COMO FUNÇÃO SOCIAL

por Elvis Morbi Rodrigues da Cunha¹

Resumo: No texto a seguir não se tem a pretensão de ferir a nenhum tipo de pensamento que leve à fé no Deus que cria e depois julga a humanidade pelo pecado cometido no sentido literal exposto no primeiro livro da Bíblia Sagrada, que leva o nome de Gênesis. Meu pressuposto é que o texto a seguir, em cima do capítulo 3, foi usado numa situação de exílio, quando o povo chamado Israel foi levado para a Babilônia e, com a esperança ferida, precisavam de uma explicação, já que criam num Deus que a tudo criara e havia um grande problema a ser solucionado: ou haviam divindades mais poderosas ou por alguma razão o povo havia sido rejeitado.

Palavras-chave: Antigo Testamento – Gênesis; exegese bíblica; teologia; pecado original.

Abstract: In the following there is no intention to hurt any kind of thinking that leads to faith in God who creates and then judges the sin committed by mankind in the literal sense exposed in the first book of the Holy Bible, which bears the name of Genesis. My assumption is that the text below, based upon the Chapter 3 was used in a situation of exile, when the people called Israel was taken to Babylon, and with the hope wounded, they needed an explanation, because they believed in a God who has created everything and they had a big problem to be solved: or there where most powerful deities or for some reason the people has been rejected.

Keywords: Old Testament – Genesis; biblical exegesis; theology; Original Sin.

¹ Elvis Morbi Rodrigues da Cunha é bacharelado em Teologia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). Contato: elvismorbi@yahoo.com.br.

Agora o homem² está em terra estranha, dependendo de um Estado que serve a deuses estranhos, o homem precisa ser restaurado, mas para isso precisa de uma salvação “de fora”, sozinho não consegue, já provou isso não seguindo as leis estabelecidas e se colocando nas situações de cativo. O propósito de Deus agora é restaurar o povo, mas para isso precisam reconhecer porque se encontram onde estão. Parte de Deus a iniciativa de restauração, com a pergunta: “Onde estás?”, Ezequiel já recebera a ordem de tomar lenhas representando Judá e Israel, e também tinha a palavra de Deus, que iria tomar os israelitas de todas as nações, formando novamente um só povo. Haveria uma ressurreição nacional, de acordo com a visão de Ezequiel no vale dos ossos secos. Antes das tantas desobediências do povo representado pelo fruto, o povo era um, mesmo quando as circunstâncias externas indicavam a individualidade, “Vós não podeis comer?” a serpente dirigindo-se a Eva, o aspecto comum dizia mais alto: “Nós não podemos”, essa força começou a ser perdida quando as pressões externas foram sendo absorvidas até o ponto em quererem ser iguais as nações e pedirem um rei para reinar sobre eles. Com isso, a individualidade foi crescendo a ponto de perderem a unidade, que era o aspecto primordial para levarem a imagem de Deus adiante.

² Não é usado “ser humano” ou “humanidade” porque quem se colocou na situação a que se encontram no texto foi justamente o homem, esta excluído daí, a responsabilidade da mulher no feito, já que as mulheres no contexto israelita não tinham voz de decisão.

Gênesis 3 está conectado a Êxodo 32 no que se refere a exposição do pecado de Israel quando converteram Deus a um ídolo, feito pelas mãos de Aarão, enquanto um está sendo usado na Babilônia, mesmo podendo ter sido usado anteriormente e elaborado para outros fins, o outro está situado num outro contexto tendo como ponto comum o ouvir outra voz que não seja a de Deus.

A serpente sempre tinha sido usado como símbolo de poder. No livro de Números, a serpente erguida é tida como símbolo de vida. Sob inspiração de Deus,

Moisés fez uma serpente de bronze e a colocou em um poste levantado. Se alguém era mordido por uma serpente, olhava para a serpente de bronze e vivia. (Nm 21,4-9 – BJ)

Aqui a serpente é totalitária, quem cede a sua lógica está expulsa da terra, é ela que produz a dor de parto, essa dor não seria apenas a dor física na concepção, mas deixa de seguir a lógica e as necessidades do clã, para servir os propósitos do Estado promotor de guerras. A morte conseqüente não é só uma morte natural, mas morte violenta, esta começou a ser aplicada na história de Caim e Abel.

O povo deveria saber que Deus criou apenas um homem, ou seja, apenas um povo, não dá para dizer “meu pai é mais importante que o seu”, essa idéia tira o conceito de importância maior de uma tribo ante a outra, como podemos ver antes da monarquia, e de um povo melhor que o outro, como vemos na luta de Israel contra Judá, agora estão todos cativos, e precisam de um ideal para não cederem



de vez às práticas babilônicas, o paraíso, daí, significa uma contra imagem do presente.

O escritor trabalha aí, com a união dos israelitas, para negar o Estado Babilônico; a imagem e semelhança de Deus não é masculino e nem feminino, a imagem se encontra no coletivo, quando dois estiverem juntos. O Estado trabalha com a decisão individual do ser, “vós não podeis”, e Eva responde com o ideal que deve-se ser adotado “nós não podemos”, a servidão à serpente está ligada a desobediência às leis, já que Eva comeu do fruto que Deus havia dito para não comer, o escritor reconhece aqui que o estado em que se encontram é de nudez, o mesmo estado em que se encontra a serpente. Agora, vendo sua nudez, estão usando artifícios, podemos chamar de idolatria, já que fica entre Deus e o ser humano. O elo que Deus usa agora é o verbo “onde estas?”, justificando assim, a dependência do sacerdote.

O homem de Deus deveria servir de referência para a humanidade, por ser formado em unidade e servir somente a Ele, esse homem desobedeceu e se fragmentou, chegando ao ápice da desigualdade quando, derramando sangue de seu irmão, não parece mais se importar. O povo que deveria ser um, tornaram-se opostos, sendo inimigos. Essa fragmentação se deve ao fato de darem ouvido à “serpente”, ao estado, que se opõe as vontades de Deus, ele destitui o homem de sua condição e o alimenta com as sua natureza. Então, o pecado é a desobediência às leis estabelecidas por Deus, que se quebradas, podem levar pessoas cativas ao estado.

O mandamento de Deus, que Jesus Cristo ratifica é: amar a Deus e ao próximo. O amor de Deus é deixado claro quando ele busca o homem caído com a pergunta: “onde estas?”, ali já se estabelece o uso do sacerdote como elo entre Ele e a humanidade, tem seu ápice em Jesus Cristo, o sumo sacerdote, Deus tira o ídolo que se colocava entre Ele e o homem e se coloca nessa posição na pessoa de Jesus Cristo. Ele mesmo diz que onde estiverem dois ou mais reunidos em seu nome ele ali se faz presente, ali ele faz o elo do coletivo como imagem de Deus, o elo daí é o amor que é a essência de Deus, Agostinho faz uma alusão à trindade usando o amor como o símbolo mais perfeito para explicar, já que o amor só existe se houver aquele que ama, aquele que é amado e o amor sendo o veículo entre os dois (cf. Agostinho, 1994, p. 284).

Assim, o público alvo é o povo que Deus vai reunir conforme a profecia feita por Ezequiel, onde iria juntar todos os israelitas, na “ressurreição nacional”.

Apesar da abordagem aqui feita ser especulativa, o que é certo é que houve uma ruptura da aliança e da confiança entre Deus e o homem. Por isso o ponto central é a queda do homem ao ouvir a serpente e a busca de Deus pelo homem para levá-lo de volta a seu propósito original, ou seja, viver em harmonia com Ele e com o próximo.

O filósofo Paul Ricoeur diz: “na experiência humana, cada um encontra o mal já presente; ninguém o começa de modo absoluto” (Apud Moreira, 2007). Estamos todos na mesma rede. Ou nos salvamos de forma coletiva ou pereceremos. Não dá para dizer: a



vida é uma preciosidade criada por Deus. Que cada um cuide da sua.

O filósofo Jean Jacques Rousseau pondera que o pecado original entrou no mundo quando alguém resolveu cercar um pedaço de terra e dizer: isto é meu. Os outros, amedrontados pelo poder, abaixaram a cabeça e aceitaram. Ou seja, a raiz de muitos desvios e injustiças estaria nessa instituição da “propriedade privada”, o pecado original esta em cada um, quando não observam a sua união com Deus e com o próximo (cf. Moreira e Van Balen, 2007).

Estes são exemplos de boas idéias para o texto em si, se usarmos o texto bíblico como coração da comunidade, não tendo um fim em si mesmo, mas se estiver em serviço da interpretação da vida, então podemos enfim, entender o propósito de viver.

Referências bibliográficas

AGOSTINHO. (1994), *A trindade*. São Paulo: Paulus.

ANDRADE, B. (2007), *Pecado original ou graça do perdão?* São Paulo: Paulus.

BÍBLIA. Português. (2002), *Bíblia de Jerusalém. Nova edição revista e ampliada (BJ)*. São Paulo: Paulus.

CRUSEMANN, F. (2009), *Cânon e história social: ensaios sobre o Antigo Testamento*. São Paulo: Loyola.

KLEIN, R. W. (1990), *Israel no exílio: uma interpretação teológica*. São Paulo: Paulinas.

MOREIRA, G. (2007), *Gênesis 1 a 3: recriação*. In: CUNHA, R. I. A. (org.). (2007), *Criação de um outro mundo: Gênesis 1-11*. São Leopoldo:

CEBI, pp. 7-32. Disponível na página:

<http://www.gilvander.org.br/genesisrecriacao.htm>.

MOREIRA, G.; VAN BALEN, C. (2007), *Gênesis 1-11: uma sociedade sustentável*. Disponível na página:

<http://www.abiblia.org/artigosview.asp?id=77>.

PIXLEY, G. V. (2004), *A história de Israel a partir dos pobres*. 9. ed. São Paulo: Vozes.

SCHWANTES, M. (2002), *Projetos de esperança: meditações sobre Gênesis 1-11*. São Paulo: Paulinas.

